

**Entrevista<sup>1</sup>: James Cisneros**James Cisneros<sup>2</sup>

Na medida em que este volume da SOLETRAS teve por objetivo reunir um conjunto significativo de pesquisas que articulam literatura, artes e mídias, julgamos oportuno convidar o professor e pesquisador James Cisneros para uma entrevista. Professor do *Département de Littératures et de Langues du Monde da Université de Montréal*, Canadá, e editor-chefe da revista *Intermedialités: Histoire et Théorie des Arts, des Lettres et des Techniques*, Cisneros reconstitui, ao longo da entrevista, o contexto histórico de emergência dos estudos de intermedialidade no Canadá e aborda questões fundamentais para o campo da intermedialidade hoje, tais como a sua fragmentação teórico-metodológica e os desafios que se impõem ao seu futuro. Atualmente, Cisneros trabalha em um livro sobre as relações entre mídia e nostalgia no cinema latino-americano, o qual também é abordado nesta entrevista. A revista SOLETRAS agradece a generosidade do pesquisador em nos atender e recomenda fortemente a leitura do texto pelas reflexões argutas que o entrevistado nos oferece sobre os problemas concernentes aos estudos de intermedialidade hoje.

**SOLETRAS:** *Atribui-se o processo de institucionalização dos Estudos de Intermedialidade à emergência da chamada Medientheorie, na Alemanha, e à fundação do CRIalt (Centre de Recherche Intermédiales sur les Arts, les Lettres et les Techniques), na Université de Montréal. Você poderia, a partir de um livre exercício de rememoração, apontar algumas das inquietações teórico-metodológicas que levaram à fundação do CRIalt?*

**James Cisneros:** Através da convergência de acadêmicos da História da Arte, dos Estudos Fílmicos e da Literatura Comparada surgiu, no final da década de 1990, o CRI (*Centre de recherche sur l'intermedialité*), que, em 2007, teve seu nome alterado para CRIalt.

Nesta conversa multidisciplinar, os acadêmicos contribuíram, com perspectivas teóricas e metodológicas distintas, na formulação de de um terreno comum, com uma preocupação mútua de compreender como as mídias emergem e influenciam uma série complexa de relações que levariam para além dos objetos e problemas tradicionalmente associados aos seus respectivos

<sup>1</sup> A entrevista, originalmente em inglês, foi traduzida pelos editores deste número da SOLETRAS, com a colaboração da também professora e pesquisadora Cristine Fickelscherer de Mattos (Universidade Presbiteriana Mackenzie).

<sup>2</sup> Professor do *Département de Littératures et de Langues du Monde da Université de Montréal*, Canadá, e editor-chefe da revista *Intermedialités: Histoire et Théorie des Arts, des Lettres et des Techniques*. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0009-3959-2852>. E-mail: [james.cisneros@umontreal.ca](mailto:james.cisneros@umontreal.ca).

campos. A pesquisa alemã exerceu alguma influência nas primeiras discussões sobre o conceito, mas a institucionalização do centro de investigação seguiu linhas que já vinham se desenvolvendo em Montreal há algum tempo e que até hoje continuam moldando a nossa abordagem dos estudos intermediários.

O Centro reuniu duas grandes correntes internas da Universidade de Montréal. A primeira, dedicada a estudos sobre cinema e imagens em movimento, desenvolveu-se a partir de pesquisa histórica sobre a invenção do cinema e sua posterior institucionalização como mídia reconhecida. Os acurados estudos de André Gaudreault<sup>3</sup>, frequentemente em diálogo com Philippe Marion, demonstraram a necessidade de distinguir entre as inovações tecnológicas que vão da imagem estática da fotografia à cronofotografia e ao filme cinematográfico, por um lado, e, por outro, às forças econômicas, sociais e institucionais que fariam do cinema a mídia consagrada que conhecemos hoje. Em primeira instância, os pesquisadores têm em conta a cultura visual do final do século XIX, que incluía uma série de formas de projetar imagens e de as inscrever em técnicas de narração mais amplas (e.g., quinetoscópio, fantascópio, anortoscópio, etc.); o projetor de filmes teria sido considerado, à época do seu aparecimento, como mais uma expressão dessa cultura e não como uma mídia com identidade própria. Apenas em segunda instância, o pesquisador então formula a convergência de forças que permitiria à tecnologia cinematográfica desenvolver modos específicos de contar histórias e lógicas narrativas que a distinguem definitivamente de outros meios convencionais (como o teatro). Essa abordagem genealógica de duas dimensões da Intermedialidade repercute em abordagens históricas de outras mídias, como o estudo da televisão que Jürgen Müller publicou em “*Cinéma et intermédialité*”, um número especial da revista *Cinémas*, cujo chefe de redação era então Gaudreault<sup>4</sup>.

A segunda corrente que contribuiu para a fundação do CRI veio da Literatura Comparada. É importante compreender que, na América do Norte, esta disciplina divergiu fortemente das formas tradicionais de estudar a literatura em estrutura comparativa e, por conseguinte, dos

<sup>3</sup> André Gaudreault e Philippe Marion. “The Cinema as a Model for the Genealogy of Media,” *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, vol. 8, no. 4 (Winter 2002), p. 12-18; consultar também André Gaudreault e Philippe Marion, “*Un média naît toujours deux fois...*”, *Société et Représentations*, 2000/2 (no. 9), p. 21-36.

<sup>4</sup> Jürgen Müller, “L’intermédialité, une nouvelle approche interdisciplinaire: perspectives théoriques et pratiques à l’exemple de la vision de la télévision”, *Cinémas. Revue d’études cinématographiques*, vol 10, no. 2-3, printemps 2000.

programas de estudo na Europa e em outros locais. Desde a sua fundação nos anos 80, o Departamento da Universidade de Montreal, tal como outros no Canadá e nos Estados Unidos, primou por abordagens interdisciplinares e teóricas no estudo da literatura e da cultura de maneira mais geral. Uma marcante virada em direção à "Teoria", amiúde proveitosa, levou os comparatistas a lerem muito além do campo dos estudos literários, voltando-se para o pós-estruturalismo e outras formas de pensamento continental - desde aquilo a que os americanos chamam de "Teoria Francesa" até à Escola de Frankfurt e o pós-marxismo - em paralelo com as teorias do pós-moderno que emergem com os estudos da arte, do cinema e da cultura popular. Esse panorama interdisciplinar foi completado com leituras de antropologia, sociologia, filosofia, história das sensibilidades e teoria da comunicação. A abordagem resultante descentralizou o objeto de estudo - quer se tratasse de um romance, de um filme, de um quadro ou de uma página da Internet - com análises que se orientaram para fora, centrifugamente, para as forças - tecnológicas, institucionais, epistemológicas, sociais - que lhe conferiam significados historicamente variáveis. Vários dos colaboradores da primeira geração do CRI e da revista *Intermédialités* eram professores ou doutorandos desse departamento: Éric Méchoulan, Silvestra Mariniello, Philippe Despoix, Johannes Villeneuve, Walter Moser, Michèle Garneau, Marion Froger, André Habib, eu mesmo e outros. No entanto, vale a pena insistir que as preocupações teóricas e metodológicas, bem como a abordagem interdisciplinar, são muito anteriores à fundação do CRI. Na verdade, três professores que tiveram uma influência marcante já tinham deixado o departamento: Paul Zumthor, o medievalista e romancista cuja investigação sobre a "literatura oral" levou a questionar o suporte material de qualquer meio de comunicação; Wlad Godzich, coautor de *The Emergence of Prose*, sobre a transição da oralidade para a escrita na Europa, e um dos principais editores da série *Theory and History of Literature*, da University of Minnesota Press<sup>5</sup>; e Hans Ulrich Gumbrecht, que passou um ano como professor visitante quando estava concluindo a co-edição do volume

<sup>5</sup> Wlad Godzich e Jeffrey Kittay, *The Emergence of Prose. An Essay in Prosaics*, University of Minnesota Press, 1987. É difícil não reconhecer a influência da série *The Theory and History of Literature*, que apresentou, através de volumes editados e traduzidos, muitos dos mais importantes pensadores europeus aos leitores norte-americanos: <https://www.upress.umn.edu/book-division/series/theory-and-history-of-literature>

*Materialität der Kommunikation*, que seria uma referência importante para pensar a intermedialidade.<sup>6</sup>

Estas duas correntes moldaram a abordagem dos estudos intermediários de uma geração de acadêmicos e da revista, que continua a ser receptiva a essa visão interdisciplinar. Talvez a lição mais importante seja a da ênfase na história. Uma vez que a guinada digital gerou um interesse intenso pelas "novas mídias" e pela "convergência" contemporânea, em Montreal estamos traçando, de maneira consistente, apostas historiográficas de pesquisa. Embora tenhamos origens em áreas diferentes, partilhamos o mesmo interesse em oferecer uma perspectiva histórica sobre qualquer encontro intermediário, um processo que frequentemente implica estabelecer uma série de relações (sociais, tecnológicas, etc.) ao longo das linhas temporais diversas e por períodos diferentes.

***SOLETRAS: Em um ensaio sobre o estado da arte dos Estudos de Intermidialidade 25 anos depois de sua emergência, Irina Rajewsky aponta que, desde o seu surgimento, nos anos 1990, houve “um certo mal-estar em relação às qualidades confusas da noção e ao seu status de termo da moda, onipresente”. Nesse sentido, pode-se avaliar que esse mal-estar foi superado ou, na sua opinião, há ainda um ceticismo em relação à relevância e à produtividade dos Estudos de Intermidialidade?***

**JS:** Respondendo de forma direta, ainda que em Montreal tenhamos estado sempre conscientes de que o termo podia ser visto como "da moda", que eu saiba nenhum de nós sofreu com o "mal-estar" que Rajewsky menciona no seu artigo. De fato, estou um pouco perplexo com a forma como ela apresenta essa observação, que aparece no parágrafo inicial, imediatamente depois de uma citação de um trecho do texto inaugural de Éric Méchoulan, publicado no primeiro número da *Intermédialités*. É como se o desconforto se fizesse sentir aqui, quando, na realidade, o seu artigo oferece um resumo amplamente documentado dos debates que tiveram lugar na Alemanha e, em menor grau, noutros locais da Europa, mas não tem quase nada a dizer sobre Montreal. Além disso, nesse mesmo artigo, Méchoulan rejeita a mesma abordagem que Rajewsky aponta ao descrever a origem do "mal-estar" que se fez sentir entre os seus pares

<sup>6</sup> Hans Ulrich Gumbrecht e K. Ludwig Pfeiffer, *Materialität der Kommunikation*, Suhrkamp, 1988; traduzido para o inglês como *Materialities of Communication* (Stanford University Press, 1994).

alemães - as "ilusões perdidas" do título do seu artigo referem-se, em parte, à noção de que uma dada teoria ou definição poderia abranger a pluralidade de fenômenos intermediáticos ou abordagens metodológicas. Só posso especular sobre o motivo que a levou a prefaciar a discussão dos estudos europeus de intermedialidade com uma referência passageira a Montreal: será talvez um impulso universalista, um desejo de encontrar um esquema que possa unificar todos os estudos de intermedialidade? Em todo o caso, esta questão oferece a oportunidade de dar uma resposta mais elaborada que diferencie as duas abordagens.

No seu artigo, Rajewsky parece sugerir que o "mal-estar" resulta de uma avaliação de que a onnipresença do termo tem sido acompanhada por uma série de definições díspares e imprecisas, bem como pela ausência de um quadro teórico abrangente. O artigo oferece explicações detalhadas e extensivamente documentadas das múltiplas tentativas de pesquisar o campo e propor formas de englobar diversos fenômenos intermediáticos. Isso produziu uma série de diferentes sistemas, modelos e tipologias que traçam diferentes estudos sobre a forma como mídias convencionalmente distintos interagem: com prefixos (inter-, intra-, trans-, multi-, pluri, cross-); diferentes níveis ("em sentido lato", "em sentido estrito"); com categorias e subcategorias; em contraste com gêneros e subgêneros; como transformacionais ou ontológicos; como extra- ou intra-composicionais; como modalidades, etc. Cada tentativa de desenvolver uma definição única do conceito de intermedialidade apenas contribui para a proliferação de visões disciplinares distintas que, sugere Rajewsky, tentam "impor-se" ao campo como um todo (29). Daí o desconforto sentido por alguns pesquisadores, que se deparam com uma série de definições terminológicas diferentes e, por vezes, contraditórias, sem qualquer teoria centralizada.

Se os pesquisadores de Montreal não partilham desse mal-estar, isso se deve, em parte, ao fato de não terem adotado uma abordagem tipológica. Essas abordagens sistêmicas têm certamente um valor heurístico e desempenham um papel essencial ao mostrar a diversidade e a complexidade das interações midiáticas contemporâneas e históricas. A dada altura, podem ter oferecido a possibilidade de uma síntese lexical partilhada mas, como já foi referido, o desenvolvimento da pesquisa intermediática em diferentes áreas resultou em terminologias díspares que complicam o diálogo interdisciplinar. Além disso, como essas tipologias frequentemente entendem as mídias como "meios de comunicação ou expressão convencionalmente distintos" (Rajewsky cita Wolf p. 48, n. 38), a investigação tende a

concentrar-se nas fronteiras (por mais porosas que sejam) que separam as mídias já reconhecidas. A abordagem pode ser descrita como centrípeta: a convenção ajuda o pesquisador a traçar os limites externos de um campo e a concentrar-se subsequentemente no mapeamento das secções individuais da sua estrutura interna. Consequentemente, essa abordagem limita a pesquisa histórica sobre como as mídias se tornam convencionais e, consequentemente, as discussões sobre as complexas forças sociais e econômicas que permitem que uma nova tecnologia material se diferencie e acabe por ser institucionalizada. Isto explica por que Müller, tal como Gaudreault e Marion, explora essas questões históricas e por que deveria ter rejeitado a abordagem tipológica (ou "taxonômica"); e, ainda, por que ele é um dos especialistas alemães cujo trabalho é mais compatível com o nosso. A abordagem tipológica também pode explicar por que é que Gumbrecht, num texto inicial sobre os estudos alemães de intermedialidade, expressa ceticismo em relação ao campo nascente, uma vez que as constantes (re)definições da terminologia e o desejo de uma teoria unificadora (impossível) correspondem mais ao paradigma eclipsado da interpretação e da "legibilidade" do que a uma procura de novas questões. Em Montreal, há menos preocupação com a terminologia que é objeto de debate na Alemanha - não aparece no trabalho da maioria dos meus colegas, nem a maioria dos artigos da revista *Intermedialités* usa termos precisos. Apesar das nossas posições muito diversas dentro do campo, a maioria de nós centra-se na série de ligações (*liens*<sup>7</sup>) ou relações (*rapports*<sup>8</sup>) em torno das mídias: semióticas, discursivas, tecnológicas, materiais, institucionais, sociais, epistemológicas. Estamos menos preocupados em definir o que são as mídias e traçar as influências entre as mídias convencionais, do que em perguntar o que as mídias podem fazer e em analisar como modulam as condições ou situações que tornam possíveis determinadas ações. Ao enfatizar essas relações sobrepostas (ou inter-relações), procuramos uma compreensão mais dinâmica que se move de uma ligação para outra, seguindo diferentes escalas e dimensões da influência das mídias. Cada número da *Intermedialités* sublinha este dinamismo com o seu título, retirado de formas verbais (o infinitivo do francês, o gerúndio do inglês); a organização em torno de um núcleo temático também permite que investigadores de diferentes áreas - encorajamos os editores convidados a incluir artigos sobre diversos meios de comunicação, de uma série de períodos históricos e geografias - participem de um diálogo

---

<sup>7</sup> Do francês, *liens*, conexões.

<sup>8</sup> Do francês *rapports*, relações.

interdisciplinar em torno de práticas sociais específicas. Como Caroline Bem e Marion Froger demonstraram recentemente, a coleção de estudos de caso da revista oferece análises específicas que, coletiva e cumulativamente, apresentam diferentes formas de teorizar as (inter)midialidades. Através deste prisma, a análise de um caso singular pode identificar um problema teórico geral.

A título de exemplo, considere-se a diferença entre a fotografia analógica e a fotografia digital. Em termos de prática semiótica, as duas são bastante semelhantes, até mesmo indistinguíveis, e serão frequentemente exibidas em certas instituições, galerias ou museus, da mesma forma convencional. No entanto, as tecnologias e o suporte material da imagem digital permitem formas de transmissão e circulação muito diferentes que, juntamente com aplicativos de edição instantânea, estão mudando as percepções da sociedade sobre o valor científico que Baudelaire atribuía à imagem analógica. Dar conta desta alteração quanto à verossimilhança fotográfica implica traçar linhas temporais distintas (tecnológicas, epistemológicas, culturais) que se interligam nessa nova falsificação; daí o próximo número sobre "Enganar", do *trompe l'oeil* ao *deep fake*. Outro exemplo que mostra como nos concentramos menos no meio e mais numa série de relações e conexões heterogêneas, na midialidade que cria um certo ambiente ("milieu"): os artigos de "*Sleeping*" não se limitam a estudar as ligações históricas entre o sono e as mídias: enfoca as histórias da hora de dormir, desde contos orais até o livro ilustrado e o podcast; os efeitos deletérios da luz azul do smartphone nos ritmos circadianos. Mostram também como o sono se liga a um ambiente ou atmosfera particular, a uma série de relações (rapports) que emergem com aquilo que Mauss chamou de uma técnica corporal, um agenciamento de objetos, uma forma de sociabilidade e padrões de discurso.

*Uma de nossas colegas, a María Andrea Giovine Yáñez, da Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM), está organizando um livro em que uma das questões propostas para os convidados é a de refletir sobre os desafios para o futuro dos Estudos de Intermidialidade. Ocorreu-me lhe perguntar o porquê de estarmos nos fazendo esta pergunta neste momento. E, parafraseando, a oportuna questão de nossa colega, também lhe questiono: quais são, na sua opinião, os desafios metodológicos e institucionais que se impõem no horizonte futuro dos Estudos de Intermidialidade?*

**JS:** Essa pergunta está relacionada com a anterior. Dada a natureza fragmentada dos estudos atuais sobre intermedialidade, bem como a perda de esperança de que um dia possamos ter uma estrutura teórica unificada, parece natural perguntar como o campo pode evoluir. Pesquisas retrospectivas sempre oferecem insights explícitos ou implícitos sobre possibilidades futuras. Não vou especular sobre quais seriam esses desenvolvimentos, mas as diferenças significativas entre os estudos na Alemanha e em Montreal sugerem que os estudos intermediários provavelmente vão progredir em mais de uma direção. Espero que a revista *Intermedialités* continue a oferecer um espaço interdisciplinar para a troca de conhecimentos entre estudiosos, e acredito que a organização temática de cada número e a perspectiva histórica, que continua a diferenciá-la de outras revistas sobre mídia, oferecem grande potencial para os próximos anos. Outra razão para fazer a pergunta agora, depois de quase trinta anos de estudos intermediários, é a alta rotatividade de conceitos nas Humanidades. Ao pensar nos desafios futuros na América do Norte, é difícil ignorar as discussões em andamento sobre o contexto institucional.

Preocupações de que as ciências humanas estão “à deriva” foram expressas desde o final dos anos 1970, quando Walter Kauffman, mais conhecido por suas traduções de Nietzsche, escreveu um livro sobre o “futuro das Humanidades”. Cerca de vinte e cinco anos depois, uma série de estudos sobre a universidade moderna confirmou que as Humanidades estão de fato em desordem e, o que é ainda mais desconcertante, que seu declínio é indicativo de profundas mudanças no propósito e na constituição das instituições. Com a transição histórica desvinculada do aprofundamento da influência do neoliberalismo em todos os aspectos da sociedade, a universidade distanciou-se da relação privilegiada com o Estado – de relativa autonomia, adaptada às necessidades da sociedade civil e ao cultivo de cidadãos-sujeitos – e realinhou suas prioridades institucionais com as demandas do mercado global. Vários pensadores, especialmente Bill Readings, argumentaram que a crise que se seguiu nas Humanidades resultou na produção frenética de conceitos e métodos – como aqueles angariados com o prefixo “inter” ou “pós” – que são ao mesmo tempo um sintoma da mudança e, no melhor dos casos, uma tentativa de medir sua profundidade. Em outro lugar, argumentei que o conceito de “intermedialidade” é um exemplo dessa mudança epistemológica. E embora o ritmo da mudança varie de uma universidade para outra e de um país para outro, as mudanças são perceptíveis. Em Montreal, os desenvolvimentos institucionais recentes favoreceram novos métodos, como os das “humanidades digitais”, mais voltadas para os desenvolvimentos

tecnológicos contemporâneos. O que acontecerá com a intermedialidade no futuro ninguém sabe, mas minha esperança é que continuemos a buscar uma compreensão histórica de como as relações com as mídias estão transformando nossas sociedades.

Por fim, esta pergunta é particularmente feliz porque sua projeção para o futuro nos convida a considerar como situamos nossa pesquisa dentro de um horizonte histórico e, de forma mais ampla, a colocá-la em relação com nossa experiência de mudança histórica. Essa tem sido uma preocupação dos estudiosos que, trabalhando em vários campos diferentes, perceberam uma importante mudança em nossa compreensão da historicidade nos últimos quarenta anos. Se, na primeira metade do século XX, a experiência do rápido progresso social e tecnológico deu às gerações uma perspectiva otimista dos tempos que se avizinhavam, as sociedades atuais afastam-se de um futuro que parece inóspito ou catastrófico e olham cada vez mais para o passado. As razões para essa mudança em nossa experiência de tempo histórico são complexas e muitas vezes fogem ao alcance de nossas áreas de pesquisa. Outros o fazem, no entanto, e acho importante tentar incluí-los em nossas considerações sobre mudanças midiáticas. De muitas maneiras, os métodos associados à pesquisa intermidiática podem ajudar a discernir as maneiras pelas quais os meios de comunicação mostram e fomentam essas mudanças: por meio de representações narrativas e estruturas formais; na renovada acessibilidade a múltiplos arquivos e memória audiovisual; no tempo estagnado da conectividade com a internet; na nostalgia das velhas mídias; nos algoritmos que recuperam informações do passado, juntamente com seus vieses, na concepção de nosso presente. Um desafio futuro para estudos intermidiáticos deve ser pensar sobre o futuro; isto é, pensar reflexivamente sobre o futuro e os emaranhados temporais que são discerníveis nas produções e práticas midiáticas, pensar contra as tendências ou nossa época nostálgica, pensar anacronicamente.

***Sabe-se que suas pesquisas são dirigidas a fenômenos artísticos, literários e midiáticos latino-americanos. Dentro dessa perspectiva, você acredita que as práticas intermidiáticas de criação na América Latina possuem uma dicção própria, isto é, uma perspectiva situada? Caso sim, quais são os problemas teórico-metodológicos que se impõem aos pesquisadores latino-americanos do campo dos Estudos de Intermedialidade?***

**JS:** Sim, acredito que existe uma perspectiva situada, ou várias, que seriam próprias das práticas (inter)midiáticas latino-americanas. A meu ver, esta é uma das contribuições mais importantes

de “Résister / Resisting”, o número especial da revista *Intermedialités* que demonstra como as representações e práticas midiáticas são culturalmente situadas. Sua ampla seleção de estudos de caso é colocada em diálogo com as histórias socioculturais locais, oferecendo fortes leituras políticas que dão conta das desigualdades que a mídia pode impor ou exacerbar. E isso, claro, se aplica a outras regiões. Como a maior parte da teoria sobre mídia é produzida em e para partes do mundo com altos níveis de desenvolvimento tecnológico, ela não deu conta adequadamente do papel profundamente histórico de mídias distintas na implementação de diferenças geográficas e culturais. Nas palavras de Jerónimo Arellano, essa teoria tende a ignorar “a colonialidade da mudança da mídia: as origens coloniais da dinâmica espaço-temporal estabelecida entre várias formas e plataformas de mídia no mundo moderno e contemporâneo”. E, no entanto, a maneira como essas diferenças traçam limites territoriais está evidenciada por diferentes mídias desde que a escrita ocidental confrontou pela primeira vez as tradições orais indígenas. Um antigo encontro colonial, ou *desencuentro*, oferece um exemplo de como as diferenças (inter)midiáticas se localizam: ao ser informado de que o breviário do padre Valverde continha as palavras de Deus, Atahualpa colocou o livro em seu ouvido e, não ouvindo a voz divina, jogou o objeto no chão. Esse gesto fatídico não apenas resume as diferenças entre os sistemas de mediação cultural, mas também seria remediado – em crônicas, danças rituais, xilogravuras, wankas e representações teatrais em espanhol e quechua – em uma luta contínua pelo controle territorial. Esse exemplo de “colonialidade” midiática, que marca diferenças entre a oralidade e a escrita, o gesto e o livro, mostra que qualquer situação é tanto de (des)comunicação como de distintos saberes institucionais e relações com o território.

A situação também tem a ver com diferenças temporais. A experiência mutável da historicidade acima referida manifesta-se de forma diferente consoante as geografias, tal como acontece entre uma cultura e outra. É algo como um ambiente, algo que nos envolve a todos como uma atmosfera partilhada, mas que, no entanto, impõe ritmos que nos separam. Investigadores latino-americanos, como Néstor García Canclini e Carlos Rincón, vêm estudando a complexidade das temporalidades locais desde os anos oitenta, e investigadores pós-coloniais de outros lugares têm discutido as vastas implicações das disjunções temporais. Estas “temporalidades emaranhadas”, para citar Achille Mbembe, afetam tanto a produção cultural como a pesquisa acadêmica. A minha pesquisa atual questiona a forma como essa complexidade temporal aparece nos filmes latino-americanos que oferecem alguma reflexão sobre o papel das

mídias. Quer seja no seu conteúdo narrativo, na sua forma cinematográfica ou no seu suporte material, todos esses filmes oferecem uma visão sobre as ligações entre a tecnologia, o arquivo e o território: *Jauja*, de Lisandro Alonso (Argentina, 2014), as docu-ficções de Adirley Queiros, como *A cidade é uma só?* (Brasil, 2011), *Tierra sola* (Chile, 2017) de Tiziana Panizza e outros documentários, ou a ficção experimental *Rey* (Chile, 2017) de Niles Atallah, entre outras. Embora cada um desses filmes ofereça exemplos claros de como o cinema remedia outras formas de expressão cultural (pintura, fotografia, literatura), utilizamos a intermedialidade como método, uma perspectiva que mostra a série de relações que se envolvem com a produção cultural local, histórias, instituições ou socialidade. O nosso objetivo é situar esses filmes, traçando as linhas temporais sobrepostas que neles convergem, perguntando como respondem - por vezes explicitamente - às condições impostas pelas tecnologias digitais.

Mas essa questão foi antecipada por Gumbrecht. Apesar de seu ceticismo, ele viu potencial para uma abordagem intermediária que se concentrasse em geografias e situações. Ele sugere que a maneira de evitar a complacência acadêmica e fazer novas perguntas é explorar a configuração dos fenômenos intermediários em geografias específicas, referindo-se explicitamente à América Latina. Outra possibilidade seria explorar períodos históricos específicos, alguns dos quais podem ser mais intermediários do que outros - como o início do período moderno, com a mudança histórica da oralidade para a escrita, e do verso para a prosa, ou hoje, com a emergência das tecnologias digitais e da inteligência artificial.

**Realizada em:** julho de 2023.